
Telejornalismo e desinfodemia: Reflexões sobre novas práticas e processos produtivos pós pandemia Covid-19¹

Gustavo Teixeira de Faria PEREIRA²
Iluska Maria da Silva COUTINHO³
Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; múltiplas telas; credibilidade; desinformação; processos e práticas de produção.

Introdução

Com os avanços tecnológicos e a ampliação das possibilidades de comunicação em ambiente digital, o telejornalismo tem passado por significativas transformações que vão desde a incorporação de novas telas, em um cenário de telejornalismo expandido (MELLO SILVA, 2017), passando pela inserção e apropriação das redes sociais digitais e outros espaços digitais para a produção e reprodução de conteúdos (RECUERO, 2009), até chegarmos à utilização de novos formatos, linguagens e maneiras de interação e participação do público nas narrativas telejornalísticas (FINGER, 2015).

Tais mudanças apontam para uma necessidade de os jornalistas e o jornalismo produzirem conteúdos não apenas para a tela da TV, como também para outras telas, sobretudo digitais, o que demanda adaptação dos materiais, gravações divididas entre câmeras e *smartphones*, produções na horizontal e na vertical, dentre outros desafios.

Soma-se a isso as mudanças impulsionadas pela pandemia da Covid-19, que impuseram a grande parte da população o isolamento social, uso de máscaras e álcool em gel, diminuição do contato físico, restrição no número de pessoas em locais fechados, etc. Os resultados da pandemia do coronavírus, que oficialmente durou de 2020 até maio de 2023, para o jornalismo também foram observados e impactaram diretamente as rotinas de produção de conteúdo, principalmente no telejornalismo, que tem como fator diferencial a necessidade de casamento perfeito entre áudio e vídeo.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutorando em Comunicação do PPGCom-UFJF, e-mail: gustavo_tfp@yahoo.com.br

³ Professora do Curso de Jornalismo e do PPGCom-UFJF, e-mail: iluska.coutinho@ufjf.br

Para além das transformações sofridas pelo (tele)jornalismo, identifica-se também mudanças nos modos de consumo de conteúdos, principalmente por meios do ambiente digital, o que proporciona a emergência de novos atores sociais digitais, atuação de algoritmos e de *bots* e a propagação de materiais sem a devida checagem e apuração, elementos norteadores das rotinas jornalísticas, o que nos leva a uma “pandemia de desinformação” (FALCÃO e SOUZA, 2021; WERMUTH *et. al*, 2022).

Neste sentido, o objetivo do presente trabalho é compreender de que modo as rotinas de produção jornalísticas foram modificadas com os avanços tecnológicos e em um contexto de pós-pandemia, levando-se em consideração o papel do jornalismo enquanto “quarto poder” (SODRÉ, 1999; ALBUQUERQUE, 2009), capaz de fiscalizar os três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) e de ser o cão de guarda da notícia, entregando sempre informações com a devida apuração e credibilidade.

Para tal, buscamos promover um estudo de caráter exploratório sobre as modificações das rotinas jornalísticas com as pandemias da Covid-19 e da “desinformação”, lançando um olhar mais atento ao telejornalismo e suas potencialidades. A escolha se justifica pelo fato de a TV estar presente em 95,5% dos lares brasileiros, seguida da internet, que está em 90% dos domicílios no Brasil.

Além disso, devido ao seu alcance e reconhecimento como espaço de credibilidade e de confiança, o telejornalismo em telas - seja na televisão ou em outras telas - reforça a sua importância e necessidade de observação, como tem sido desenvolvido trabalhos junto à Rede Telejor, composta por pesquisadores do telejornalismo e audiovisual em telas.

Estudar telejornalismo não parecia uma investigação relevante até poucos anos atrás, afinal, todo mundo sabia o que era um telejornal ou um programa de entrevistas. Porém, diante da importância que a televisão e, por consequência, o telejornalismo alcançaram nas sociedades a partir dos anos 50 e, ainda, os avanços tecnológicos que potencializaram o acesso ao televisual de qualquer lugar e em qualquer tela, esta mídia passou a ser parte mais comum nas investigações para se entender o próprio processo de transformação social nas sociedades contemporâneas (COUTINHO e EMERIM, 2019, p. 23).

O percurso metodológico passa por duas etapas: a primeira é a de Análise Documental (GIL, 2008), que nos auxiliará na etapa da coleta de materiais e definição de recortes de investigação; e a segunda consiste na Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO 2016; 2018), que busca analisar o produto audiovisual como

um todo, considerando-os como uma unidade e avaliando não apenas o conteúdo textual, como também os elementos paratextuais que compõem as narrativas.

Transformações do telejornalismo em meio a novas tecnologias e a pandemia da Covid-19

Se o termo telejornalismo por muito tempo foi associado à transmissão de imagens e som de caráter jornalístico através do espectro radioelétrico, com as inovações e expansões tecnológicas é possível ressignificar o termo e torná-lo mais fiel ao seu real significado. De acordo com Finger, Emerim e Cavenaghi (2017), a junção de “Tele + Jornalismo” é a representação de um jornalismo feito para ser distribuído “para e/ou ao longe, ou ainda, transmitido para lugares distantes, muito mais do que um jornalismo para ser exibido apenas numa tela de visão” (FINGER; EMERIM; CAVENAGHI, 2017, p. 4), o que abarca a ideia de ampliação das telas e apropriação da internet como um novo espaço de comunicação.

A partir de então, não apenas o telejornalismo, como também os demais meios de comunicação de massa passam a se readaptar a este novo modo de comunicação e, pouco a pouco, começa a se inserir no contexto digital.

Lançando um olhar para as cinco fases do telejornalismo, Mello Silva (2017) defende que na quarta fase, chamada de Telejornalismo Convergente, as emissoras de televisão começam a fazer telejornalismo para outras telas, o que é potencializado com a possibilidade de maior propagação de conteúdos e interação entre o produtor e receptor destes materiais por meio do digital.

Em seguida, surge uma quinta fase do telejornalismo, que a autora chama de Telejornalismo Expandido. Caracterizado pela incorporação e adaptação dos materiais televisivos para novas telas, principalmente os sites e as redes sociais digitais, o telejornalismo encontra nestes espaços um grande potencial para ampliar o seu alcance e promover novas relações com o público.

Com isso, telejornalismo e jornalistas precisam modificar as suas formas de produção de conteúdo, o que propõe modificações nas rotinas produtivas e representa novos desafios a partir desta nova forma de comunicação digital que se estabelece.

Além disso, observa-se uma maior abertura para o público interagir com os telejornais, desde a realização de ações como curtidas, comentários e

compartilhamentos, até a solicitação de coberturas e envio de materiais para os telejornais.

Contudo, à medida que o digital como novo meio de comunicação traz diversas potencialidades, identifica-se também riscos como a ação dos algoritmos no direcionamento de conteúdos sob a justificativa de melhor adequação aos interesses dos usuários, presença de robôs ou *bots* que agem como cidadãos nas redes sociais digitais e o crescimento da desinformação, fenômeno que ganha novos contornos com a internet e a possibilidade de todos usuários se tornarem propagadores de conteúdos.

Outro impacto importante nas rotinas produtivas, e que se soma aos avanços tecnológicos, é a pandemia da Covid-19, que emergiu em dezembro de 2019 e tinha como principais formas de prevenção o isolamento social, de modo a evitar o contato entre pessoas, o uso de máscaras e álcool em gel, dentre outros cuidados de higiene pessoal.

Tais imposições sanitárias trouxeram diversas modificações nas rotinas produtivas e nas formas de se fazer jornalismo. Uma primeira mudança a ser apontada é a realização de videochamadas como forma de “substituir” - ainda que temporariamente - as entrevistas com especialistas; ampliação de entrevistas ao vivo como recurso para o preenchimento do tempo dos telejornais (ROHDE, 2020).

Ainda neste aspecto, como destaca Rohde (2020), muitas pessoas passaram a trabalhar em *home office*, o que modificou tanto os modos de apuração e checagem, como também possibilitou uma ampliação de fontes possíveis para os jornalistas, já que tornou-se possível entrevistar pessoas de qualquer lugar do mundo de forma on-line.

Já na perspectiva das imagens, com a pandemia da Covid-19 e as dificuldades de os jornalistas irem ao campo, dois recursos passaram a ser utilizados com maior frequência: 1- uso de mais recursos gráficos e de ilustração em substituição às imagens em externa, fruto da dificuldade de o repórter cinematográfico ir para a rua e conseguir realizar imagens que pudessem contribuir para a contação de histórias da vida real (MARTINS *et al.*, 2020); 2- vídeos feitos com *smartphones* passaram a se tornar mais comuns, tanto por parte dos jornalistas que gravavam em suas próprias casas e sem o auxílio dos repórteres cinematográficos, como também por parte do público que passou a contribuir com os telejornais a partir do envio de materiais, movimento que se intensificou com as dificuldades de os repórteres cinematográficos realizarem gravações

em meio ao isolamento social (ROHDE, 2020; MARTINS, 2020). Cabe destacar, contudo, que ambos recursos só puderam ser utilizados devido aos avanços tecnológicos e ao cenário digital em que convivemos atualmente.

Outra modificação que pode ser ressaltada é o aumento do espaço dos telejornais nas grades de programação das emissoras desde a pandemia da Covid-19, ação necessária para aquele momento e que possibilitou um fluxo maior de informações sobre o tema, mas que trouxe reflexos permanentes, como a ampliação das entradas “ao vivo” - principalmente nos telejornais locais, tanto em quantidade quanto em tempo para as entrevistas (MESQUITA e VIZEU, 2020).

Neste ponto, uma mudança a ser apontada é que, por conta de protocolos de biossegurança, os entrevistados passaram a segurar os próprios microfones, retirando dos jornalistas a sensação de “controle” da situação, principalmente em entrevistas ao vivo, no qual o “poder” de estar empunhando o microfone possibilita ao repórter ter em mãos o controle (BARICHELLO e SCHWARTZ, 2020).

Para além das mudanças apontadas, uma transformação significativa em meio à expansão tecnológica, ampliada com os impactos da pandemia da Covid-19, foi a perpetuação do ambiente digital como um espaço de comunicação.

Em um cenário cada vez mais convergente e multimídia, as mídias digitais, sobretudo as redes sociais digitais, passaram a ser parte do dia a dia de milhões de cidadãos pelo Brasil e pelo mundo, o que gerou uma profunda modificação no jornalismo, que tem se adaptado também a estes novos espaços.

Concomitantemente aos avanços tecnológicos no ambiente digital, a pandemia da Covid-19 acelerou esta necessidade de o jornalismo se adaptar às mídias digitais, já que em um cenário pandêmico e de isolamento social, os principais espaços para informar o público consistem nos meios de comunicação de massa e nas mídias digitais.

No entanto, da mesma forma que veículos jornalísticos passaram a estar cada vez mais conectados e presentes no ambiente digital, novos atores sociais também começaram a ocupar estes espaços, principalmente nas redes sociais digitais (RECUERO, 2009), o que criou um embate por credibilidade e proporcionou um novo fenômeno: o da desinformação.

(Tele)Jornalismo em cheque? Desinformação e a busca por credibilidade e poder

Se por um lado observamos que os avanços tecnológicos e a possibilidade de novos atores sociais digitais ganhar espaço e autoridade proporcionou um ambiente de tentativas de deslegitimação do telejornalismo e de questionamento de seu papel enquanto “quarto poder” e cão de guarda da informação, por outro lado percebeu-se uma reafirmação da confiança e da credibilidade do jornalismo, principalmente durante a pandemia (MARTINS *et al.*, 2020; CALEFFI e PEREIRA, 2020) - ainda que uma parcela da população tenha se decidido por ignorar as informações e a ciência em prol de um discurso falso e desinformativo.

Para além disso e, juntamente com as mudanças promovidas e aceleradas pela pandemia da Covid-19, outra “pandemia” ganhou ainda mais força, a da desinformação (WERMUTH *et. al.*, 2022), que é marcada pela propagação de conteúdos falsos e até mesmo teorias da conspiração (OLIVEIRA, 2020) de forma intencional e com o intuito de enganar e reproduzir mentiras para os cidadãos. A fim de exemplificar este cenário e utilizar a pandemia da Covid-19 como recorte, temos os discursos sobre o uso da cloroquina e de outros remédios sem comprovação científica, os movimentos contrários ao isolamento social e antivacina (ROHDE, 2020), entre outros que ganharam ainda mais força e capacidade de viralização em falas do ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, principalmente a partir de suas próprias redes sociais digitais.

Outro fator que contribui com a “pandemia da desinformação” ou desinfodemia é a falta de controle sobre os materiais veiculados nas plataformas digitais. Exemplo disso é o WhatsApp, considerado um “inimigo criptografado” (PEREIRA e COUTINHO, 2022), e que por não haver nenhuma maneira de regular os conteúdos que ali são veiculados, há um favorecimento da veiculação e circulação de conteúdos falsos sem que agências de checagem e de combate à desinformação tomem conhecimento de muitos dos materiais ali reproduzidos.

Assim, criou-se um desafio extra para a mídia tradicional: não apenas informar sobre a pandemia, como também combater a desinformação e a omissão de conteúdo de caráter instrucional e informativo sobre a Covid-19, inclusive por parte do Governo Federal. Um dos resultados disso foi a criação do Consórcio de Imprensa entre diversos veículos de comunicação que se uniram para obter informações precisas sobre as

atualizações de casos e mortes referentes à pandemia da Covid-19 em todos os estados da Federação⁴.

Neste sentido, o jornalismo novamente se coloca como protagonista e como o guardião da notícia, evocando o seu papel de fiscalizar e entregar à população a informação apurada, checada e de interesse público.

Além disso, é também uma tentativa da mídia em combater a desinformação, de modo que pautas que buscam desmentir e contrapor a desinformação passaram a fazer parte das rotinas jornalísticas. Tal mudança se destaca porque com os avanços tecnológicos e, sobretudo, com a pandemia da Covid-19, o jornalismo se transforma e passa não apenas a produzir conteúdos a partir de suas agendas noticiosas, como também a lançar um olhar mais atento aos materiais veiculados no ambiente digital, com o objetivo de combater materiais de caráter desinformativo, reforçando o seu papel como quarto poder (SODRÉ, 1999; ALBUQUERQUE, 2009).

Novos hábitos e novas práticas no telejornalismo: uma análise do JN e do MG1

A fim de identificarmos se as mudanças promovidas pelos avanços tecnológicos e pela pandemia da Covid-19 se tornaram práticas habituais no telejornalismo, lançamos um olhar para dois telejornais de abrangências diferentes, mas que são produzidos e veiculados em uma mesma rede: Jornal Nacional, produto telejornalístico mais longevo da Rede Globo, de alcance e cobertura nacional e que é transmitido no período noturno, normalmente a partir das 20h30; e MG1 Zona da Mata, telejornal veiculado em Juiz de Fora e região que possui cobertura local e é transmitido no horário do almoço⁵.

A escolha dos objetos se dá pelo fato de o Jornal Nacional ter alcance nacional e ser o principal telejornal da Rede Globo, sendo transmitido em horário nobre e possuindo as maiores faixas de audiência e, em contraposição, o MG1 Zona da Mata ser um telejornal de caráter local, com circulação principalmente em Juiz de Fora e região da Zona da Mata e Campos das Vertentes de Minas Gerais, e que abre possibilidades para experimentação e novas formas de produção de conteúdo.

⁴ Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 03 ago. 2023.

⁵ Cabe destacar, ainda, que os produtos jornalísticos do Grupo Globo estão disponíveis on-line e de forma gratuita para acesso, através da plataforma Globoplay, o que facilita e viabiliza as análises e investigação acadêmicas.

Como metodologia, adotamos a Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2016; 2018), que nos oferece substrato para investigação do objeto como unidade, sendo possível analisar texto e paratexto em sua completude e sem decomposições.

A partir de uma “entrevista do objeto”, como propõe Coutinho (2016), estabelecemos três eixos de análise que estão interligados à discussão teórica previamente feita no presente trabalho: 1- mudanças do telejornalismo proporcionadas por avanços tecnológicos; 2- transformações do telejornalismo com a pandemia da Covid-19; 3- telejornalismo como quarto poder no combate à desinformação, que tem como objetivo observar se as modificações apontadas pela Análise Documental se mantêm ou não no telejornalismo.

Definidos os eixos de análise, realizamos o recorte dos objetos. Neste panorama, escolhemos a semana do dia 8 a 13 de maio de 2023, que se justifica por ter sido a primeira semana após a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarar o fim da Emergência de Saúde Pública Mundial no que se refere à COVID-19.

A partir da análise de edições do Jornal Nacional e do MG1, somado à pesquisa documental feita junto a pesquisadores de telejornalismo da Rede Telejor, no primeiro eixo de avaliação “mudanças do telejornalismo proporcionadas por avanços tecnológicos”, é possível observar uma série de modificações trazidas pela tecnologia e pelo ambiente digital.

Lançando um olhar para o Jornal Nacional, a partir das cinco edições analisadas, uma primeira inovação consiste nas possibilidades de recursos gráficos e tecnológicos como o uso de novas telas dentro do próprio telejornal.

Neste sentido, destacamos o uso de imagens feitas por *smartphones*, observadas tanto no envio de imagens captadas por cidadãos comuns e reproduzidas pelo Jornal Nacional, a exemplo da matéria que traz imagens dos atos de invasão no prédio dos Três Poderes em 08 de janeiro de 2023, como também materiais produzidos pelos próprios jornalistas, como é possível observar em matéria veiculada no dia 11 de maio por um repórter que gravou imagens de celular de forma escondida para fiscalizar uma possível ação criminosa.

Se antes as imagens eram feitas apenas por meio de câmeras e exigiam dos profissionais o deslocamento para o local do fato, atualmente novas possibilidades

ganham força e estão presentes no telejornal como forma de gerar credibilidade por meio da imagem, mesmo quando as equipes do JN não se fazem presentes no momento e no lugar do ocorrido.

Além disso, identifica-se também o uso de telas de celular e de computador como recursos gráficos para auxiliar na composição dos conteúdos, principalmente quando são retiradas publicações feitas em redes sociais e quando são acessados documentos e/ou materiais retirados da internet.

O recurso da utilização de novas telas no telejornalismo (PEREIRA, 2019) também pode ser observado em materiais como o que foi veiculado em 08 de maio de 2023, no que o Jornal Nacional mostra imagens de uma audiência que foi feita por videoconferência e aproveita as imagens e falas desta audiência para construir o conteúdo.

Ainda na perspectiva dos avanços tecnológicos e da convergência de telas, elemento que se intensificou com a pandemia da Covid-19, podemos destacar o uso de fontes entrevistadas por videochamada, um recurso que possibilita entrevistar fontes que o telejornal não possui acesso para marcação de entrevistas presenciais e mesmo assim podem contribuir para a construção das narrativas.

Em uma semana de telejornal foram mapeadas sete fontes entrevistadas por videochamada, com destaque para uma sonora de Ernesto Castanheda, diretor do laboratório de Imigração da Latin America University, em que o repórter é mostrado de costas no estúdio e a fonte é entrevistada de forma remota, algo proporcionado pela expansão tecnológica, mas que também ganhou força como alternativa para o desenvolvimento de conteúdos com a pandemia. A partir desta inovação tecnológica, identifica-se uma variação do JN na realização de entrevistas, que passam a ocorrer tanto de forma presencial, quanto remota.

Já na observação do MG1, de caráter local e produzido por uma emissora afiliada à Rede Globo, também identifica-se a apropriação de novas telas para a construção do telejornal, o que é possível apreender, por exemplo, na edição do dia 08 de maio, em que a apresentadora convoca o público a participar do quadro “MG Responde” através do envio de perguntas em texto e vídeo pelo WhatsApp.

Tal convite se apresenta tanto como uma expansão tecnológica que auxilia na construção do telejornal, como também se estabelece como uma maneira de gerar

interação, engajamento e participação dos cidadãos com o MG1, proporcionando mais proximidade e representação.

Desta maneira, merece destaque as imagens de celular que são inseridas em diversas oportunidades no MG1. Como as imagens normalmente são gravadas na vertical, o telejornal utiliza-se de variados recursos para compor a imagem de forma horizontalizada e, portanto, mais próxima para a tela da TV, mas há uma utilização recorrente e presente na maior parte das edições como forma de contribuir audiovisualmente com as narrativas.

Assim, as imagens feitas com *smartphones* ganham relevância não apenas nos envios de materiais feitos pelo público, como também em conteúdos que são pauta do MG1, mas que não foram realizadas gravações por parte das equipes de reportagem do telejornal. Exemplo disso ocorre no dia 08 de maio, em que o repórter apresenta os gols das partidas e no caso de um dos jogos em que não houve transmissão televisiva são mostradas imagens gravadas de celular.

Outra observação a partir de novas telas para o telejornalismo que pode ser apreendida da análise do MG1 é a perspectiva da convergência midiática e do telejornalismo expandido (MELLO SILVA, 2017), como ocorre na edição do dia 10 de maio, em que a apresentadora discorre sobre um assunto e em seguida faz uma chamada para o material completo no G1, portal ligado ao Grupo Globo.

No entanto, da mesma forma que o telejornal cria um ambiente de convergência, condiciona o público a consumir a informação por inteira ao acesso no portal do G1, o que poderia gerar ruídos na informação, mas que é encarada como natural devido ao cenário de expansão tecnológica.

Passando para o eixo 2, “transformações do telejornalismo com a pandemia da Covid-19”, a primeira observação, que está presente tanto no Jornal Nacional quanto no MG1, é a do aumento de imagens e entrevistas feitas com aparatos tecnológicos, algo que se intensificou com a pandemia da Covid-19, na medida em que à época da pandemia grande parte da população se encontrava em isolamento social, o que obrigou o telejornalismo a utilizar-se deste recurso com maior recorrência para continuar a sua produção.

No caso do Jornal Nacional, identificamos as entrevistas por vídeo chamadas como principal “herança” da pandemia. Se anteriormente os repórteres buscavam por

fontes mais próximas e disponíveis, o que tornava mais viável o deslocamento e a gravação por parte das equipes de reportagem, desde a necessidade de reinvenção com a pandemia da Covid-19 a prática das entrevistas por meio de telas se tornou mais presente no telejornalismo, inclusive no telejornal de maior audiência do Grupo Globo, o que em uma semana de programação resultou em sete materiais com entrevistas feitas por vídeo chamada.

Já no MG1, também com o intuito de evitar o deslocamento de equipes de reportagem e mesmo assim conseguir abarcar um quantitativo maior de fontes e de pautas, observa-se uma maior utilização de imagens que não foram feitas pelos profissionais do telejornal local.

Também reflexo da pandemia, em que era necessária a diminuição dos profissionais nas ruas e o revezamento das equipes, e pensando no menor deslocamento de equipes, observa-se a utilização de estúdios e das redações jornalísticas como cenários para a realização de “passagens” dos jornalistas, algo observado tanto no Jornal Nacional quanto no MG1.

Além disso, outra questão que era simbólica para o jornalismo e passou a ser mais flexível é o fato de os entrevistados poderem segurar o próprio microfone. Símbolo de controle de tempo e de cadência para os jornalistas, principalmente no ao vivo, a opção de as fontes segurarem o seu próprio microfone passou de uma forma a mais de segurança durante a pandemia para uma opção a mais de os jornalistas gravarem conteúdos sem precisarem estar no local da pauta.

Por fim, uma mudança significativa no telejornalismo, sobretudo no âmbito local, foi a ampliação das coberturas ao vivo. Uma particularidade do período de pandemia foi a ampliação do espaço e do tempo dos telejornais, o que era importante para trazer mais informações e atualizações sobre a Covid-19, o que resultou em mais tempo de ao vivo, já que em um cenário de isolamento social as matérias em externa se tornaram mais difíceis de ser desenvolvidas.

Entretanto, mesmo após o fim oficial da pandemia da Covid-19 em âmbito global, essa característica permaneceu com força no telejornalismo local, como podemos apreender a partir da análise do MG1. Somando as seis edições do noticiário, o que soma pouco mais de 6 horas de programação, são identificadas 57 entradas ao

vivo de repórteres em externas ou sendo chamados ao estúdio, o que totaliza cerca de 2 horas e 56 minutos.

Tal opção se justifica por permitir ao telejornal utilizar parte de seu tempo sem precisar produzir um grande quantitativo de materiais, permite uma maior interlocução com os apresentadores e ainda transmite uma ideia de credibilidade e de confiança para o público ao conversarem ao vivo com uma diversidade de especialistas nos assuntos que são pauta do telejornal.

Chegando ao eixo 3, “telejornalismo como quarto poder no combate à desinformação”, observa-se uma busca dos telejornais em se reafirmarem como autoridades, espaços de credibilidade e quarto poder.

No caso do MG1, a perspectiva do ao vivo e de trazer uma grande quantidade de especialistas oferece ao público a sensação de estar informado sobre assuntos variados. Já no caso do Jornal Nacional, há um combate mais frontal à desinformação e em defesa da credibilidade do jornalismo. Exemplo disso é a matéria veiculada em 10 de maio no qual são apresentados dados da Pesquisa da Associação Brasileira de Emissoras de rádio e TV que apontam para violações à liberdade de expressão direcionados a profissionais da imprensa e o material que tem como tema o Projeto de Lei das Fake News, que ganha espaço no Jornal Nacional a partir de notícias falsas provenientes de grupos de Telegram, serviço de mensagens instantâneas baseado na nuvem que funciona como uma rede social digital.

Além disso, os telejornais buscam a todo momento reforçar o jornalismo como locais de credibilidade e de informação, seja através de materiais em que os jornalistas auxiliam na investigação de crimes, como ocorre em conteúdo veiculada pelo Jornal Nacional em 12 de maio, ou então por meio de quadros como o MG Responde, em que o telejornal traz temas relevantes e de interesse público para os cidadãos adquiram mais conhecimento sobre os assuntos.

Por fim, algo que é observado tanto no Jornal Nacional quanto no MG1 é a presença de materiais de fiscalização e de cobrança dos poderes públicos, ainda que não de forma explícita ou incisiva. No caso do Jornal Nacional são cobertas pautas como a dos deslizamentos ocorridos no Nordeste do Brasil, o que aponta para uma falha dos poderes públicos locais em solucionar o problema. Já no MG1, identifica-se tentativas

de aproximação do telejornal com pautas cotidianas e que se aproximam do público, o que inclui temas que fiscalizam e cobram prestação de contas dos demais poderes.

Considerações finais

Como resultados preliminares apontamos que mesmo com os avanços tecnológicos e recente expansão digital, tanto a pandemia da Covid-19 como a “pandemia da desinformação” têm evidenciado a importância do jornalismo profissional e comprometido com a verdade e com a credibilidade jornalística.

Após a análise do Jornal Nacional e do MG1, é possível apreender que grande parte das mudanças do telejornalismo ocorridas com os avanços tecnológicos e com a pandemia permanecem, algumas com menos e outras com mais frequência.

Um primeiro apontamento é a incorporação das novas telas ao telejornalismo, algo que é percebido em usos de celulares para a realização de gravações e de construções de matérias, coleta de informações de redes sociais digitais que passam a ser “fontes de informação” do telejornal, entre outras.

Neste sentido, observa-se que as novas telas oferecem uma ampliação de possibilidades de fontes e de coberturas para o telejornalismo, além de aumentar as escalas para a produção de conteúdos, sendo possível o jornalismo cobrir novas pautas que antes não era possível, o que é reiterado com características como as entrevistas por vídeo chamadas e com o envio de conteúdos por parte do público.

Por outro lado, à medida que os telejornais recebem mais materiais e se deslocam com menor frequência às fontes e para a cobertura de pautas, ocorre uma diminuição da interação mais próxima aos entrevistados e aos cenários dos acontecimentos, o que poderia render novas apreensões por parte dos jornalistas.

Outra marca é a ampliação das entrevistas com especialistas, já que após a análise é possível identificar um grande número de materiais em que os jornalistas utilizam-se de opiniões dos especialistas - seja por entrevista em externa ou vídeo chamada - para consolidar e reafirmar a qualidade e a credibilidade dos conteúdos.

No caso do telejornalismo, em que o vídeo é essencial para reforçar a confiança do público nos conteúdos, é possível inferir que a “credibilidade do discurso telejornalístico, em meio a era digital é recuperada na medida em que os telejornais são legitimados como mais aptos a relatar de forma verdadeira/confiável os acontecimentos

do mundo” (CALEFFI e PEREIRA, 2020, p. 81). Desta forma, apesar de haver um grande quantitativo de materiais que circulam no ambiente digital, os conteúdos ganham legitimidade quando são reproduzidos e apurados pelo telejornalismo.

Entretanto, as transformações aceleradas na própria forma de se fazer jornalismo, bem como o aumento da circulação de notícias falsas nas redes sociais e a intensificação do uso de plataformas digitais como fonte de informação, têm desafiado os meios de comunicação a se reafirmarem como instituições confiáveis e indispensáveis.

Diante deste contexto, torna-se imprescindível que o (tele)jornalismo não apenas se adapte às mudanças tecnológicas e sociais, como também mantenha os parâmetros de qualidade e de credibilidade, sem perder a essência de oferta de informações precisas e relevantes à sociedade.

Assim, devido à dinamicidade do telejornalismo - assim como do cenário digital - torna-se importante a continuidade das observações e de estudos que consigam debater as práticas jornalísticas em um cenário de inteligência artificial e a ação dos algoritmos como fundamentais para a circulação de conteúdos nos meios digitais, além de ser fundamental o (tele)jornalismo continuar a se colocar como espaço de combate à desinformação e à credibilidade como um pilar fundamental da democracia e da qualidade jornalística.

Referências

- ALBUQUERQUE, A. **As três faces do quarto poder**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Política”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG. Belo Horizonte, MG, 2009.
- BARICHELLO, E. M. R.; SCHWARTZ, C. **Entre adaptações e mudanças: estratégias de legitimação do ambiente telejornalístico brasileiro na cobertura da pandemia do coronavírus**. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia. Editora Insular: Florianópolis, 2020. p. 93-106.
- CALEFFI, R.; PEREIRA, A. **De frente para a TV, testemunhamos um novo modo de fazer telejornalismo**. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia. Editora Insular: Florianópolis, 2020. p. 79-92.
- COUTINHO; EMERIM. Lugares, espaços, telas e reconhecimento: O local do telejornalismo na contemporaneidade. In: COUTINHO, EMERIM (Orgs.). **Telejornalismo local: teorias, conceitos e reflexões**. Florianópolis: Insular (Coleção Jornalismo e Audiovisual, v. 8), 2019. p.23-40.
- COUTINHO, I. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual: da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In: Emerim, C.; Coutinho, I.; Finger, C. (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Coleção Jornalismo Audiovisual. v. 7. Florianópolis: Insular, 2018.

- COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2016. p. 1-15.
- FALCÃO, P.; SOUZA, A. B. Pandemia de desinformação: as fake news no contexto da Covid-19 no Brasil. **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 55-71, jan./mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v15i1.2219>.
- FINGER, C. O telejornal em qualquer lugar: uma sondagem sobre a recepção de notícias nos dispositivos portáteis. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul – v. 12, nº. 23, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/2232/1512>. Acesso em: 21 jun. 2023.
- MARTINS, M. A. **A ascensão de estratégias amadoras no telejornalismo profissional**: uma nova visibilidade potencializada pelas limitações técnicas trazidas pela Covid-19. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia. Editora Insular: Florianópolis, 2020. p. 107-121.
- MARTINS, S.; MATA, J.; FALCÃO, L. F.; PEREIRA, G. T. F.; COUTINHO, I. M. S. **Sobre isolamentos e demarcações sociais**: o lugar do jornalista de TV em tempos de Pandemia. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia. Editora Insular: Florianópolis, 2020. p. 43-64.
- MELLO SILVA, E. Bases Epistemológicas do Telejornalismo: entre a teoria e a prática. In: 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2017, São Paulo, SP. **Anais [...]** São Paulo: ECA/USP, 2017.
- MESQUITA, G.; VIZEU, A. **Em tempo de coronavírus nos telejornais**: o “lugar de referência” e a “audiência potente” na produção de notícia. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia. Editora Insular: Florianópolis, 2020. p. 25-42.
- OLIVEIRA, T. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos** 22(1):21-35 janeiro/abril 2020. Unisinos – DOI: 10.4013/fem.2020.221.03. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.03/60747736>. Acesso em: 21 jun. 2023.
- PEREIRA, G. T. F.; COUTINHO, I. M. S. WhatsApp, desinformação e infodemia: o “inimigo” criptografado. **Liinc em Revista**, v. 18, n. 1, p. e5916-e5916, 2022. DOI: 10.18617/liinc.v18i1.5916 Acesso em: 21 jun. 2023.
- PEREIRA, G. T. F. **Novas Telas para o Telejornalismo**: o conflito entre o quarto e quinto estado/poder e a expansão do conteúdo para além das localidades. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p. 116. 2020.
- RECUERO, R. Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. **Metamorfoses jornalísticas**, v. 2, p. 1-269, 2009.
- ROHDE, A. **Jornalismo e pandemia na TV**. In: Emerim, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia. Editora Insular: Florianópolis, 2020. p. 21-24.
- SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.
- WERMUTH, M. A. D.; DE MORAIS, J. L. B.; FESTUGATTO, A. M. F. A pandemia da desinformação: covid-19 e as mídias sociais-do fascínio tecnológico à (auto) regulação. **Revista Quaestio Iuris**, v. 15, n. 1, p. 377-397, 2022.